

As máquinas e o sujeito: como a tecnologia e as mídias sociais moldam o sujeito contemporâneo

Emanuele Strecht Rangel¹ Priscila do Couto Sias²
Faculdade Santo Antônio de Pádua – FASAP

Resumo: Com a finalidade de compreender o indivíduo e sua singularidade, visando as interações do meio social, no qual está inserido. O presente estudo propõe a pensar como esse sujeito vem perdendo sua subjetividade, através dos avanços tecnológicos e a essa condição de sociedade moderna que o insere. Na construção conceitual desta pesquisa, foram utilizados como referência, autores como: Sigmund Freud, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Byung Chul Han e George Orwell. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foi utilizado o método de revisão de literatura. Os resultados apontaram de acordo com os escritos de Byung Chul Han que, a internet traz benefícios ao seu usuário, porém, usada de forma errônea, continuará aprisionando internautas, prejudicando assim, sua subjetividade.

Palavras-chave: Internet; Mídias Sociais; Tecnologia; Uso Excessivo; Mal- Estar.

Machines and the subject: how technology and social media shape the contemporary subject

Abstract: With the purpose of comprehending the individual and its singularity, aiming the interactions of the social environment in which is inserted. The present study proposes to think how this person is losing its subjectivity, through technological advances and to this condition of modern society that inserts it. In the conceptual construction of this search, were used as reference authors such as: Sigmund Freud, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Byung Chul Han and George Orwell. It is a qualitative search, in which was utilized the Literature Revision Method. The results pointed, according to Byung Chul Han's writings, that the internet brings benefits to its users, however, used wrongly, will keep imprisoning internet users, prejudicing, therefore, their subjectivity.

Key words: Internet; Social Media; Technology; Excessive Use; Unrest.

¹ manustrecht@gmail.com

² priscilasias@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na atualidade, tornou-se cada vez mais presente o uso da *internet*. Tal fenômeno, caracterizado por causar um grande mal-estar físico e psíquico, tomando conta das nossas vidas. Perde-se a noção de tempo, espaço.

Foi observado que quanto mais conectados, mais expostos tornam-se estes usuários, assim a saúde mental tem sofrido grandes abalos

Desta forma, é imprescindível questionar: Até que ponto a internet faz mal e como descobrir isso? Especialmente, para compreender porque a subjetividade está se desmanchando a ponto de perder a singularidade, para atender a demanda daquilo que chega até os consumidores das mídias sociais.

A questão central desta pesquisa gira em torno de “E até que ponto a tecnologia e as modificações da sociedade podem influenciar a subjetividade do sujeito a ponto de modificá-lo?” Temática de extrema relevância, considerando as notícias veiculadas nas mídias, filmes e documentários já sobre o assunto, que repercutiram nacional e internacionalmente, justificando assim a importância desse trabalho.

A metodologia utilizada no presente estudo será a revisão de bibliografia, contando com materiais acadêmicos que foram publicados relacionados ao tema e autores que já falaram sobre o tema, como: Sigmund Freud, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Byung Chul Han e George Orwell.

Ao longo desse artigo serão expostos pontos relevantes na pesquisa, conceitos e descobertas. Em vista disso, procura-se trazer à tona os problemas enfrentados pelo consumo da internet, em contrapartida, mostrando, segundo a obra *No enxame: perspectivas no mundo digital*, que a internet traz benefícios e malefícios. Em seu primeiro capítulo, abordará subjetividade e os meios de subjetivação, mostrando como essa subjetividade é criada e desenvolvida. A segunda parte visará as mídias sociais e a cultura. Apontará também o processo de alienação, passando pela geração Y.

Por fim, trará a parte boa da internet. Ainda, tornará evidente que se usada de maneira prudente, ela nos beneficia, mas ainda é preciso ter cuidado para não cair nas armadilhas

que estão por trás disso.

COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Segundo, Campbell, Mackinnon e Stevens (2010), embora a globalização represente um grande marco histórico nas sociedades atuais, a tendência para ampliação dos horizontes humanos é bastante antiga. Sendo assim, o processo de globalização gerou um grande problema para a sociedade, trazendo consigo angústias para a subjetividade do indivíduo, que se viu totalmente desprotegido pelo grande fluxo de informação ao qual está exposto. Diante dos avanços da tecnologia, concomitante às grandes mudanças históricas nas sociedades, como a revolução industrial, fizeram com que o sujeito cada vez mais se visse perdido em sua subjetividade. “Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos.” (HOBSBAWM, 1996, p. 562)

A invenção e a grande ascensão das mídias sociais, acarretam mais angústias nesse indivíduo já abalado, cada vez mais alienado com a grande quantidade de informação que o cerca todos os dias e tentando sempre se encaixar em determinados grupos, sua subjetividade tem ficado cada vez mais esquecida. “Um indivíduo só pode tornar-se homem se incorporar, em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convive”. (SAVIANI, 2004, p. 46). O sujeito estrutura sua subjetividade, através dos processos de apropriações de conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo suas capacidades psicológicas superiores. Tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o seu desenvolvimento e está assentado, também, na relação com outros homens. Portanto, nossas subjetividades são tomadas por dois processos: “o enrijecimento de identidades locais e a ameaça de pulverização total de toda e qualquer identidade.” (ROLNIK, 1997, p.23)

A subjetividade como concebemos parece estar se perdendo a ponto de transformar o indivíduo. Ao defini-la, “não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 31). Fica claro que, não é algo estabelecido, mas sim produzido incessantemente, a partir dos encontros que vivenciamos com o outro. Seja esta outra sociedade, ambiente, situações e até mesmo invenções, enfim, tudo o que produz

efeito nos corpos e alteram sua forma de viver.

Desta forma, não existe uma formulação de subjetividade sem o social. “Subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 31).

Sendo algo produzido incessantemente, se mantém sempre aberta, para acolher os componentes, que são atribuídos por uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social. Por exemplo, valores, crenças e regras. Tudo isso vive em constante mudança. O sujeito recebe e emite componentes. Portanto, a noção de subjetividade pensada por Guattari, refere-se a uma matéria-prima viva e mutante, a partir da qual será possível, experimentar e criar matérias-primas distintas como forma de perceber o mundo.

Sobre as mídias sociais, Guattari (1992), comenta sobre uma desterritorialização de corpos, já que a plataforma digital permite uma comunicação infinita, retirando o indivíduo de seu próprio corpo. Os processos de subjetivação, são fundamentados pela sociedade e, agora, marcados pela tecnologia e por mídias sociais. O indivíduo quando está inserido na sua bolha digital, perde sua identidade, tornando-se massa de manobra para essa entidade moldá-lo como desejar. Mas uma vez que se torna influenciável, partindo desses pressupostos, como esse ser, estando sendo influenciado, percebe essa influência? Para responder esta questão, deve-se analisar o impacto dessas mídias no indivíduo da sociedade moderna. Qualquer alteração no social afeta o indivíduo e é produção viva de subjetividade.

MEIOS DE SUBJETIVAÇÃO

A “disputa” na construção das diferentes formas de subjetivação, põe de um lado o indivíduo e de outro lado a cultura. O sujeito usa como um meio a sua subjetividade para não se submeter às influências que o rodeiam. Para Freud (1996), o conceito de cultura e civilização tem grande importância para compreender as formas de subjetivação. A cultura traz benefícios e prejuízos para o sujeito. É positiva, sobre o controle das forças, das variações da natureza, por darem alguma estabilidade e segurança, sendo divididas de forma coletiva, mas negativa por trazer restrições à liberdade individual. Apesar da primazia da cultura, cabe ao sujeito explorar as falhas, vazios e contradições sociais a fim de criar

novas formas de subjetivação para, assim, tornar-se menos sujeito e mais agente em relação ao tempo e lugar em que vive (BLEICHMAR, 2010). A estabilidade da subjetivação pode exercer a importante atribuição de manter o ordenamento do psiquismo, equilíbrio que pode ser ameaçado pela “dessubjetivação” ou por qualquer forma de subjetivação que não seja validada pela cultura (BLEICHMAR, 2010).

Essas formas criam o espaço necessário para que o sujeito possa fazer parte da sociedade em que vive sem se desfazer de sua singularidade. Para alcançar esta integração, cabe ao sujeito criar um “estilo de existência” que contemple a sua especificidade e o contexto cultural (BIRMAN, 1997). Como já se sabe as mídias sociais mudaram a forma de fazer-se sujeito, atribuindo estereótipos, dissipando regras, assim, seus usuários emergem como grandes representantes na mudança da subjetividade, buscando sua singularidade neste espaço virtual. Ainda falando sobre cultura, de acordo com Marcuse, 1998

A cultura é redefinida pela ordem existente: as palavras, os tons, as cores e as formas das obras sobreviventes permanecem as mesmas, porém aquilo que expressam perde sua verdade, sua validade; as obras que antes se destacavam escandalosamente da realidade existente e estavam contra ela foram neutralizadas como clássicas; com isso já não conservam sua alienação da sociedade alienada (MARCUSE, 1998, p.161).

Edward Tylor conceituou cultura como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e qualquer outro hábito e capacidade adquirida do homem” (TYLOR, 1871, p.31). Ele acreditava que a cultura era descritiva, não normativa e neutra, pois ela era capaz de pensar na humanidade como um todo. Ou seja, tudo que nos circunda é cultura. Mas não existe apenas um tipo, existem várias culturas diferentes e não é possível que nós tenhamos ciência de todas elas. De certa forma, a cultura molda nossa subjetividade, mesmo que não percebamos. Um exemplo de é a cultura de massa. Que se resume a um conglomerado ideias e valores igualitários, o que promove um consumismo entre as pessoas.

MÍDIAS SOCIAIS, ALGORITMOS E A CULTURA DOS NOVOS PADRÕES DE COMPORTAMENTO

As mídias sociais são um grande emaranhado de ideias e para usufruir dessas informações, é preciso saber quais são as principais fontes e qual é o seu papel perante nós

enquanto sujeitos. Mas como definir mídia social?

As mídias sociais, segundo Torres,

As mídias sociais são sites na Internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos. Nessas categorias, estão incluídos os blogs, as redes sociais, os sites de conteúdo colaborativo e diversos outros modelos de sites que abrangem comunicação, relacionamento, colaboração, multimídia e entretenimento (TORRES, 2009, p. 74).

Redes sociais são fontes de dinheiro e o principal processo que as leva a essa riqueza é a modificação de comportamento, implementada por tecnologias como os smartphones. Os Algoritmos correlacionam o que você faz com o que outras pessoas fazem, como carregamento de dados pessoais, links em que acessa, fotos em que curte entre outras coisas que faz quando se está conectado. Os anunciantes se apropriam de momentos em que você está insatisfeito e tentam influenciá-lo. Jaron Lanier, cientista da computação e escritor em seu livro “Dez Argumentos Para Você Deletar Agora Suas Redes Sociais” compara as redes sociais com experimentos behavioristas que estudavam maneiras de treinar animais e humanos a partir de um sistema metódico. Cita o método de Skinner que continha animais engaiolados que recebiam agrados quando realizavam algo específico e diz que “Você está recebendo o equivalente a petiscos e choques elétricos quando usa as redes sociais” (Lanier, 2018, p.21). O primeiro presidente do Facebook, Sean Parker, relata sobre a modificação do comportamento

Precisamos lhe dar uma pequena dose de dopamina de vez em quando, porque alguém deu like ou comentou sua foto ou uma postagem, ou seja lá o que for. [...] Isso é um circuito de validação social, exatamente o tipo de coisa que um hacker como eu inventaria, porque explora uma vulnerabilidade da psicologia humana. [...] Os inventores, eu, Mark, Kevin Syston no Instagram, todas essas pessoas tínhamos consciência disso e fizemos mesmo assim. [...] Isso muda a relação de vocês com a sociedade, uns com os outros. Isso provavelmente interfere de maneiras estranhas na produtividade. Só Deus sabe o que as redes sociais estão fazendo com o cérebro dos nossos filhos. (LANIER, 2018 **apud**. PARKER 2017, p. 17)

Dopamina é um neurotransmissor que age no prazer e é importante na relação das mudanças comportamentais em resposta a obtenção de recompensas e é por isso que Parker a cita, comparando o like como uma recompensa. Quando Parker usa a expressão “De vez em quando” pode -se fazer referência a um fenômeno behaviorista, o sujeito que recebe uma recompensa, no caso uma demonstração de estima social, tende a repetir o comportamento que gerou a recompensa. “Quando recebem uma repostagem lisonjeira a alguma publicação nas redes sociais, as pessoas adquirem o hábito de postar mais”

(Lanier, 2018, p 22). Chegamos a um ponto em que podemos utilizar um aparelho de bolso para pegar um táxi, pedir comida, ou descobrir em tempo real onde as pessoas estão, temos o poder nas mãos é difícil voltar atrás, tudo isso nos traz conveniência e nos tornam mais eficientes por isso muitos de nós trabalhamos arduamente para viabilizá-las.

Nós modificamos o comportamento uns dos outros o tempo todo, e isso é bom. Afinal, só uma pessoa inacessível e indiferente não mudaria seu modo de agir em função de como o outro reage. Quando a modificação de comportamento mútua funciona, talvez isso seja parte daquilo que chamamos de amor. (LANIER, 2018, p 36)

Há algo arruinando a sociedade e o mundo, mas não é apenas o simples fato de nos mantermos conectados. Parte do problema é que todos nós carregamos aparelhos que proporcionam a modificação de comportamento, mas essa não é a questão central, pois esses aparelhos são usados para outros propósitos. Uma outra parte são usuários que se amontoam em ambientes online que podem fazer aflorar o que há de pior no indivíduo. “Não se trata de haver muito poder concentrado em um pequeno número de mãos que controlam nuvens gigantescas” (Lanier, 2018, p. 40).

O grande problema acontece quando todos esses fenômenos descritos são impulsionados por um modelo de negócio em que o objetivo é encontrar clientes dispostos a pagar para modificar o comportamento de alguém.

Com a propaganda de antigamente era possível mensurar se um produto se saia melhor depois que era anunciado, mas agora as empresas estão medindo se indivíduos mudaram seus comportamentos e os feeds de cada usuário são constantemente ajustados para obter esse objetivo. Sua mudança de comportamento foi transformada em um produto. Um produto particularmente atraente não apenas para os usuários, mas para os clientes / manipuladores, porque temem que serão deixados de lado se não pagarem por ele.’ (LANIER, 2018, p. 40 e 41)

Tudo isso amplifica mais as emoções negativas do que as positivas, prejudicando assim a sociedade.

DO OBJETIVO AO SUBJETIVO: A MÍDIA COMO COMBUSTÍVEL DO PROCESSO DE ALIENAÇÃO

Partindo desse ponto, nem sempre a internet é um lugar pacífico. A mídia também tem seu ônus, um deles é que, com o poder nas mãos, é muito mais fácil ter controle do que é dito para o indivíduo. Por exemplo, os lados políticos que se enfrentam espalhando

notícias falsas o que faz com que seus eleitores acreditem no que eles estão propagando. Quando o sujeito está alienado, ele é incapaz de ter pensamento e agir por conta própria porque o poder, a mídia e quem está por trás dele já obteve controle do que ele é. Em *Microfísica do Poder*, Foucault diz, O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (FOUCAULT, 1978, p. 41)

Em suma, o que o filósofo propõe em sua fala é que, se o poder consegue se perdurar por tantos anos, é porque ele se modifica de acordo com aquilo que é proposto para o momento. As campanhas políticas para acessar um determinado nicho de pessoas são um exemplo de poder. Quando bem executado, o poder consegue moldar essas pessoas para que reproduzam seu discurso.

Mas quando você não pode controlar as pessoas pela força, você tem que controlar o que as pessoas pensam, e a maneira típica de fazer isso é através da propaganda (fabricação de consentimento, criação de ilusões necessárias), marginalizando o público em geral ou reduzindo-a a alguma forma de apatia (CHOMSKY, 1993, p. 42).

Uma vez alienado, o sujeito está à mercê da mídia e por quem mais que esteja por trás disso. Os avanços tecnológicos e as mídias sociais, são meios que propagam os componentes da subjetividade. Em um primeiro momento parece ser bom, pois precisam estar em circulação para ganhar importância na vida coletiva e serem atualizados de diferentes maneiras na vida de cada indivíduo.

A alienação significa que a 'exteriorização' e objetivação dos bens sociais que resultam do processo de trabalho tornaram-se autônomos e independentes do homem, apresentando-se como realidades 'estranhas' e opostas a ele, como um ser alheio que o domina (MARX, 1932 apud SELL 2013, p. 48).

A GERAÇÃO Y

Segundo Tapscott (2010), considera-se a geração Y pelos nascidos entre 1977 e 1997, nesta época, compreendendo a faixa etária de 15 a 35 anos de idade. Mas isso não é um absolutismo, uma vez que Amaral (2004) define geração Y os nascidos no começo dos anos 80 até a metade dos anos 90. A geração Y é também chamada de geração da internet

– que foi criada em 1969, chamada primeiramente de Arpanet nos Estados Unidos da América. Com a facilidade da internet em mãos, a geração Y sai na frente das gerações passadas, já que com o desenvolver da internet eles também se desenvolveram e se modificaram.

Os integrantes da Geração Internet são os novos investigadores. Devido ao grande número de fontes de informação na internet, isso para não falar das informações pouco confiáveis – spam, phishers, incorreções, embustes, golpes e deturpações –, a juventude de hoje tem a capacidade de distinguir entre realidade e ficção. Eles parecem ter uma forte consciência do mundo a sua volta e querem saber mais sobre o que está acontecendo. (TAPSCOTT, 2010, p. 99).

Tendo a internet como aliada, a geração Y é a geração mais afetada pela manipulação psicológica, pois, tendo em vista que eles cresceram junto com a facilidade da tecnologia nas mãos, eles ficam mais vulneráveis e subestimáveis a ceder ao que essa tecnologia vende. “Isso lhes proporciona uma sensação de comunidade virtual durante todo o dia. Faz com que sintam que têm um amigo no bolso.” (TAPSCOTT, 2010, p. 110). Com essa fala o que fica exposto que quanto mais tempo gasto dentro das redes sociais, mais “desligado” dos perigos do mundo real estamos.

A ILUSÃO BOA DA INTERNET

Sabe-se dos benefícios que a internet trouxe para a geração Y, porém vale destacar os malefícios do desenvolvimento psíquico dessa geração cercada por essa tecnologia.

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação. (HAN, 2018, p. 36)

Esta passagem diz que somos disseminadores de vários tipos de informações que são chegadas até a nós com a ajuda da internet, sendo assim, nós somos notificados e notificantes dessas informações, independentemente se elas são ou não de cunho verdadeiro.

Han (2018) em seu livro “No Enxame”, entende que o virtual com sua instantaneidade, nega a distância e, por consequência, estabelece o desrespeito. O ver sem distância é característica do espetáculo, então ele elabora um esquema entre respectare e

spectare, apresentando a simetria de conceitos, por consequência, com a falta de respeito, cria-se a sociedade do espetáculo. Em um ambiente onde tudo é visível, tudo é transparente, tudo é de conhecimento público, o privado é retirado de cena, e leva ao escândalo (HAN, 2018).

Os habitantes do panóptico digital não são prisioneiros. Eles vivem na ilusão da liberdade. Eles abastecem o panóptico com informações que eles emitem e expõem voluntariamente. [...] A sociedade do controle tem sua consumação lá, onde os habitantes se comunicam não por coação exterior, mas sim, por carência interna, onde, estão, o medo de ter de abdicar de sua esfera privada e íntima dá lugar à carência de se colocar desavergonhadamente à vista, ou seja, onde a liberdade e controle são indistinguíveis (HAN, 2018, p. 120 a 121).

Em matéria ao G1, Amélia Gonzalez, contextualiza que se ganha voz nas mídias sociais, porém esta voz é solitária, abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A sociedade desaparece, não se contenta em consumir informações passivamente, quer produzi-las, comunica-las, gerando assim as famosas fake news. O grande perigo disso é a vulgarização e a massificação. Um exemplo, é o meio político, no qual, nas últimas eleições o candidato mais votado para a presidência do país, fez sua campanha política através da internet, onde tudo é instantâneo e, em teoria, transparente. A ideia de esfera pública tem sido importante para se pensar uma dimensão crucial da relação entre sociedade civil e sociedade política, a saber, a luta conduzida pela cidadania para controlar cognitivamente a esfera onde se produz a decisão política. (GOMES, 2006, p. 57).

Na obra, 1984, George Orwell diz que não nos contentamos com a obediência negativa nem com a submissão mais abjeta, isto é, estamos em busca constante do equilíbrio, mesmo que esse equilíbrio, nunca seja de fato, acometido.

O problema é ao mesmo tempo distinguir acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. (FOUCAULT, 1978, p.5)

Por passar muito tempo conectados, frequentemente perde-se a noção do tempo. Seja vendo vídeos, respondendo e-mails, jogando, comprando ou até mesmo conversando com os amigos. Isso gera um mal-estar a longo prazo, sendo um desses reflexos a falta de sono, já que nosso cérebro continua conectado – mesmo se estivermos sem o celular em mãos. O uso excessivo de internet causa dependência e atinge qualquer idade, nível educacional e socioeconômico. Segundo Young, "ainda é difícil distinguir o diagnóstico de

vício a internet, uma vez que ela pode vir a ser uso profissional ou pessoal, o que acoberta o comportamento dependente”.

NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL

Vygotsky (2001, p. 63) diz que "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento". Desde que nascemos, viramos seres sociais e é a partir dessa interação que nós aperfeiçoamos nossos pensamentos, crenças, manias etc. O nosso primeiro contato de interação social é nossa família, já que estamos completamente inseridos nesse meio. Conforme vamos crescendo o nosso grupo social muda assim como as interações sociais. Bettoni e Andrade (2002, p. 68) salientem que “As relações humanas, como mediadoras da materialidade e mediadas por ela, se encontram no campo da reciprocidade, que é também a condição de possibilidade para qualquer agrupamento humano”. Quando inserimos a internet no sujeito, ele ultrapassa as barreiras de interação social, uma vez já conhecida por ele, o transformando no ser tecnológico.

Os grupos sociais da internet são compostos por seres diferentes de nós – ou iguais, quando esses seres compartilham da mesma crença ou ideal em que nós cremos. Tendo em vista do que foi falado acima, percebemos que a internet se transformou e vai continuar se transformando como um novo membro de interação social, partindo para o benefício ou malefício do outro. Cabe a nós, como seres sociais sabermos em até que ponto nos é proveitosa ou nociva essa tecnologia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre subjetividade conclui-se que não é algo estabelecido, é produzido incessantemente a partir dos encontros que vivenciamos. A partir dos escritos de Freud pode-se concluir que cultura traz benefícios para o sujeito, por manter o controle das forças e dar segurança e estabilidade, porém é negativa por trazer restrições à liberdade individual.

A questão central desta pesquisa traz em evidência as relações do ser no contexto

social, atravessado por sua subjetividade e pelas mídias sociais, Felix Guatarri diz sobre mídias sociais, que elas sofrem uma desterritorialização de corpos, já que não se precisa estar presente para se fazer presente, partindo desse ponto é que se começa a surgir as grandes angústias das redes, já que pode-se fazer, falar e ser quem quiser ser virtualmente, pessoas não se contentam em apenas consumir informações, querem produzi-las em grande escala, surgindo assim o fenômeno das fake news.

Ademais, é importante ressaltar que esse estudo não é limitado somente a trazer à tona os danos que a internet pode causar, e sim, mostrar que há os dois lados da moeda. Cabe a cada indivíduo usa-la para que não caia nesse emaranhado de rede.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sofia. **Virando gente grande**: como orientar os jovens em início de carreira. São Paulo: Gente, 2004.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BETTONI, Rogério & ANDRADE, Maria José. **A formação dos grupos sociais em Sartre**. *Revista Metavnoia, São João Del-Rei*. 2002.
- BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BLEICHMAR, Silvia. (2010). **Límites y excesos del concepto de subjetividad** en psicoanálisis. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 91-97). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 2004)
- _____, Silvia. (2010). **Un modo de pensar nuestro tiempo**. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 19-22). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 1997)
- CAMPBELL, Patricia; MACKINNON, Aran; STEVENS, Christy. **An introduction to global studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.
- CHOMSKY, Noam. **A minimalist program for linguistic theory**, in K. Hale & S. J. Keyser, eds, 'The view from Building 20', MIT Press, Cambridge, MA, pp. 1—52. 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930), 1996i.

GOMES, Wilson. **Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política**. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (Org.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

GONZALEZ, Amélia. O que ganhamos e o que perdemos com a era digital? **G1**, São Paulo, 19 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2018/11/19/o-que-ganhamos-e-o-que-perdemos-com-a-era-digital.ghtml>>. Acesso em: 07 de out. de 2020.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34.1992.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005 Acesso em: 08 jun.2020

HAN, Byung. **No enxame**: Perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras.1996.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**.1. ed.

Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca LTDA Editora, 2018.

MARCUSE, Herbert. *Comentários para uma Redefinição de Cultura* [1965]. In: **Cultura e Sociedade**, v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; posfácio Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAVIANI, Demerval. **Perspectiva marxiana do problema subjetividadeintersubjetividade**. In: Duarte, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. (pp. 21-52). Campinas: Autores Associados. 2004.

SELL, Carlos. **Sociologia clássica**: Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

TAPSCOTT, Don. **A hora da Geração Digital**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing**: Tudo o que você queria saber sobre marketing

e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. 2º ed. São Paulo. Novatec. Publicado em: 09/2009.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture**: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom. London: John Murray. 1871

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

YOUNG Kimberly, ABREU Cristiano. **Dependência de internet**: manual e guia de avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed; 2011